



O negacionismo do Holocausto na internet: o caso da “Metapédia – a enciclopédia al-ternativa”

Holocaust Denial and the Internet: “Metapedia – the alternative encyclopedia”

CARVALHO, Bruno Leal Pastor de<sup>1</sup>

**Resumo:** Desde a expansão da internet comercial, em meados dos anos 1990, diversos grupos e movimentos de extrema-direita têm utilizado cada vez mais a internet como meio de construção e propagação de conteúdos negacionistas, isto é, que negam a existência do Holocausto – parcial ou integralmente. Visando contribuir para uma melhor compreensão dos possíveis usos da internet pelos “negacionistas” e dos discursos por eles publicados, o presente artigo se debruça sobre um projeto de origem sueca, mas com alcance internacional, chamado “Metapédia – a enciclopédia alternativa”, composto por verbetes de conteúdo negacionistas e não-negacionistas. Conforme veremos, essa característica, ao lado de peculiaridades da base tecnológica que lhe dá forma (*Media Wiki*), faz da *Metapédia* um modelo singular na difusão do negacionismo, ainda que seu conteúdo não apresente qualquer originalidade.

**Palavras-chave:** Negacionismo, Internet, Metapédia, Holocausto.

**Abstract:** Since the commercial internet expansion in the mid-1990s, several far  
1, Doutor em História Social (PPGHIS/UFRJ). Professor do departamento de História da UFF. Fundador e editor da rede social Café História (<http://cafehistoria.ning.com>).

Recebido em: 13/03/2016  
Aprovado em: 20/05/2016

right groups and movements have been increasingly utilizing it to spread Holocaust denial content. To contribute to a better understanding of the Internet usage by these groups, this article focuses on a Swedish project, albeit with an international reach, called “Metapedia - the alternative encyclopedia”. *Metapedia* has a lot of Holocaust denial entries; however, this content is mixed with entries about other subjects of the far right universe. This feature, plus the peculiarities of its web-based platform (*Media Wiki*), makes *Metapedia* an unique case for historians interested in this kind of subject.

**Keywords:** Holocaust denial, Internet, Metapedia, Holocaust.

Este artigo é dividido em quatro partes sequenciais e complementares. Na primeira parte, busco discutir, ainda que brevemente, a emergência do fenômeno do negacionismo: quando surge, quais são seus principais autores, vertentes e qual a sua agenda política. Na segunda, apresento a *Metapédia* ao leitor, dando ênfase aos seus aspectos tecnológicos. Na terceira parte, busco discutir como se apresenta o discurso negacionista em verbetes da *Metapédia*. Para isso, vou me valer de conceitos e pressupostos da Análise de Discurso (AD) de vertente francesa. Por fim, na quarta e última parte do artigo, meu propósito é abordar algumas questões referentes ao anonimato na *Metapédia* e outras características relevantes deste projeto. Longe de querer dar conta da presença do abundante conteúdo negacionista na internet, este artigo pretende analisar somente uma de suas muitas manifestações.

## O que é o *negacionismo*

Pode parecer inconcebível que um crime de proporções gigantescas como o Holocausto, que também é um dos crimes mais bem documentados, estudados e testemunhados da história, possa ser negado, especialmente hoje, quando são numerosos e múltiplos os meios de informação. Nos últimos anos, contudo, a negação parcial ou total do Holocausto – conhecido pelos historiadores como “negacionismo” – vem desafiando tal lógica e se consolidando como um fenômeno internacional. Se o negacionismo não é capaz de eclipsar a historiografia – e não dá qualquer prova de que um dia será capaz disso – tem, ao menos, obtido visibilidade pública suficiente para justificar o interesse daqueles que se debruçam sobre os campos da memória, da esfera pública e, sobretudo, dos rituais constitutivos dos mitos políticos. Além disso, como pondera Dietfrid Krause-Vilmar, “a monstruosidade dos crimes nazistas impõe-nos alguns compromissos permanentes, uma vez que muitas pessoas não podiam ou não queriam, em vista do horror dos crimes, acreditar que seres humanos tenham sido capazes de fazer algo assim”. (KRAUSE-VILMAR, 2000, p.97).

É possível supor que o grande público se deparou pela primeira vez com a ideia da negação do Holocausto em meados da década de 2000, quando o então presidente do Irã, Mahmoud Ahmadinejad, deu diversas entrevistas à imprensa sugerindo que o extermínio em massa de judeus durante a Segunda Guerra Mundial fora um mito ou uma fraude judaica para justificar a opressão do povo palestino.<sup>2</sup> O negacionismo, no

2. A retórica de Ahmadinejad sempre foi propositalmente ambígua. Porém, boa parte da imprensa, ao desambiguizá-la, procurou demonstrar que o presidente iraniano negava, de fato, a existência do extermínio dos judeus. Em 2009, Mahmoud Ahmadinejad concedeu várias entrevistas nas quais falou sobre o tema. Uma delas a norte-americana *Newsweek*. Cf: *Newsweek*, “Ahmadinejad offers to buy uranium from the US”, 22 set. 2009. Disponível em: <http://www.newsweek.com/ahmadinejad-offers-buy-uranium>

entanto, é muito mais antigo. Deborah Lipstadt localiza o início do fenômeno ainda nos anos 1940, no imediato pós-guerra, como um esforço da direita para minimizar o escopo e a intensidade das atrocidades nazistas. Quanto ao local de surgimento, Lipstadt sublinha que em nenhum outro lugar essa prática vai se manifestar de forma tão vigorosa como na França. A historiadora cita, por exemplo, o caso do proeminente fascista francês Maurice Bardèche (1907-1998). A partir de 1947, Bardèche publica vários livros em defesa de antigos nazistas. Nessas obras, o autor afirma que os judeus foram os responsáveis por começar a guerra, sustenta que parte das evidências sobre os campos de concentração são fraudes, que os alemães apenas seguiram ordens e que o verdadeiro crime de guerra, no fundo, foi a política de bombardeio das forças aliadas. Parte do que Bardèche afirmou em sua obra é repetido ainda hoje por muitos negacionistas. (LIPSTADT, 1994, pp.49-50).

Mas seria enganoso apontar Bardèche como o principal nome desta primeira fase do negacionismo. Essa posição mais caberia a um outro francês, o escritor Paul Rassinier (1906-1967). Ex-comunista e, ironicamente, antigo prisioneiro político do campo de concentração de Buchenwald – fato que tanto Rassinier quanto seus seguidores sempre fizeram questão de ressaltar, como se a condição de ex-interno lhe desse licença moral para relativizar os horrores dos campos de concentração e os relatos de memórias de outros sobreviventes – , Rassinier seria o principal representante da negação do Holocausto na Europa até os anos 1960. Autor de livros como *The True Eichmann Trial or the Incurable Victors* (1962) e *Those Responsible for the Second World War* (1967), Rassinier defende que os sobreviventes do Holocausto exageraram em suas histórias, especialmente aquelas que davam conta do comportamento dos guardas dos campos de concentração. (Idem, p.51).

Para Luis Milman, se Rassinier foi o nome de referência nesta primeira fase do negacionismo, em uma segunda fase, iniciada na década de 1970, as atenções vão se voltar para um de seus principais discípulos, Robert Faurisson (1929-), então professor de literatura na Universidade de Lyon. Faurisson – o primeiro negacionista oriundo de um meio universitário expressivo – ganhou fama internacional em 1979 ao publicar, no *Le Monde*, o texto *O problema das câmaras de gás ou o rumor de Auschwitz*, no qual negava a existência dessas câmaras. A partir de Faurisson, o negacionismo vai se tornar cada vez mais popular. Da França, ele se expande para os Estados Unidos, Reino Unido e Alemanha. Estabelece vínculos com grupos neonazistas e de extrema-direita. É Faurisson ainda quem sugere que o termo “negacionista” seja deixado de lado em detrimento de outro termo, “revisonista”, como se autoproclamam atualmente boa parte dos negacionistas. (MILMAN, 2000, p.124)

Sobre o termo “revisonista” convém fazer uma observação. Seu uso nos informa uma estratégia discursiva de posicionamento. A comunidade acadêmica não tem dúvidas quanto ao fato de que toda história está fadada inexoravelmente à eterna revisão. Os pesquisadores estão continuamente descobrindo novos documentos, lançando novas

---

-us-79391 Acesso: 2 maio 2016. Em 2005, Ahmadinejad também deu declarações a imprensa nas quais sublinhava que o Holocausto era um “mito”. Porém, não deixou claro se considerava o Holocausto uma mentira no sentido pleno ou se o empregou o termo “mito” para se referir a um suposto “abuso político” do extermínio dos judeus por parte de Israel e de grupos sionistas. Cf: The Washington Post, “Iran’s President Calls Holocaust ‘Myth’ in Latest Assault on Jews”, 15 dez. 2015. Disponível em: <http://www.washingtonpost.com/wp-dyn/content/article/2005/12/14/AR2005121402403.html>. Acesso: 2 mai. 2016.

interpretações e levantando novos problemas. Assim, a história está sempre sendo revisitada e renovada. Houvesse tratados históricos inapeláveis, não precisaríamos ter mais do que um único livro sobre História do Brasil República ou sobre a Era Vitoriana. É precisamente por conta dessa dimensão epistemológica da historiografia que os negacionistas reclamam o rótulo de “revisionistas”. Ao instituir tal termo almejam se ver livres não só da carga pejorativa contida na palavra “negacionista”, mas também serem reconhecidos como historiadores, uma vez que destes não se espera nada mais, nada menos do que revisar o passado. Não fortuitamente, os negacionistas alegam em seus textos apenas apresentarem “outra interpretação” do passado, ou ainda, um “outro lado da moeda” e “uma história alternativa”.<sup>3</sup>

Luis Edmundo de Souza Moraes nos chama a atenção, no entanto, para diferenças sensíveis no meio negacionista:

Proponho que o negacionismo é um fenômeno que não constitui um movimento político homogêneo, e que negar o holocausto se trata, acima de tudo, de uma prática meramente instrumental. Os atos de construir argumentos e produzir escritos negacionistas e o ato de fazer uso destes argumentos e escritos podem e devem ser separados analiticamente em função do fato de que, por trás de uma mesma atitude (negar publicamente o holocausto), se encontram motores e objetivos muito distintos para o ato de negação.(MORAES,2011, p.4)

No caso da extrema-direita, espectro político onde o fenômeno do negacionismo é mais organizado, prolixo e influente, o objetivo dos negacionistas é reabilitar o nazismo enquanto opção legítima no campo político-partidário. Como seria aceitável, afinal de contas, haver um partido de orientação nazista hoje em dia tendo em vista o Holocausto? Que adesão poderia ter um partido desse tipo? Teria ele possibilidade efetiva de conquistar o poder? Para se tornar viável, a reabilitação do nazismo passa necessariamente por separar o extermínio dos judeus da história do Terceiro Reich. Em relação aos demais grupos negacionistas, Moraes sublinha que

Ao lado e além da extrema-direita, vale ainda mencionar o negacionismo de extrema-esquerda, como os bordiguistas franceses (BIHR, 1997), e o uso do discurso negacionista por parte do anti-sionismo islâmico em sua política de deslegitimação do Estado de Israel. Estes, apesar de se sobreporem em aspectos importantes, são casos que não se confundem e guardam especificidades para os quais o conceito também não é sensível. (MORAES, 2011, p.4).

No Brasil, o negacionismo não é um tema completamente desconhecido desde, pelo menos, os anos 1980, quando surgiu, em Porto Alegre, no Rio Grande do Sul, uma editora dedicada a obras negacionistas e antisemitas, a Editora Revisão, fundada pelo brasileiro descendente de alemães, Siegfried Ellwanger Castan. Uma de suas principais obras se intitula “Holocausto judeu ou alemão – nos bastidores da mentira do século”, publicado em 1987 pela editora gaúcha Palloti. Neste e em outros livros escritos por Castan, muitos dos quais publicados pela Revisão, o autor procura defender o “povo alemão” afirmando que as câmaras de gás não existiram e que foram os judeus que declararam guerra à Alemanha. (CASTAN, 1987, p.210). Se tais teses não trouxeram nada

3. Esse tipo de alegação pode ser vista principalmente nos livros de David Irving.

que não tivesse sido dito antes por autores negacionistas europeus, era a primeira vez que ideias de tal natureza penetravam mais fortemente na esfera pública brasileira. De acordo com Natalia dos Reis Cruz, a retórica de Castan só não foi mais rechaçada naquele momento pelas leis porque “encontrou campo no espaço político brasileiro, visto que a sociedade brasileira, recém-saída do período ditatorial, reagia profundamente a qualquer tentativa de repressão à livre manifestação de ideias”. (CRUZ, 1997, p.228).

### **Metapédia: negacionismo e internet**

A partir dos anos 1990, o discurso negacionista, dentro e fora do Brasil, vai se beneficiar amplamente com o *boom* da internet comercial. Antes limitados a panfletos e outros produtos impressos de curto alcance, com parca visibilidade, os negadores do Holocausto vão, a partir da web, alcançar um público muito mais amplo com a ajuda de sites, blogs, fóruns e redes sociais. Tudo praticamente sem custos e oferecido gratuitamente. Conforme aponta Ricardo Figueiredo de Castro, o negacionismo se tornou, neste sentido, um *ciberativismo*. A internet, sublinha o autor,

permite que essa nova extrema-direita fascista amplifique sua voz e se torne visível aos mais jovens e àqueles sem esperanças com a transformação política do mundo que os oprime. Além disso, permite que se crie uma verdadeira rede virtual de extrema-direita, isto é, uma verdadeira nebulosa virtual em que se mantém minimamente ligados os inúmeros e diversos pontos da extrema-direita contemporânea. (CASTRO, 2014, p.9)

Um dos primeiros e mais conhecidos casos envolvendo negacionismo na internet ocorreu no Canadá em 1997. Naquele ano, o *Canadian Jewish Congress* (CJC) e a Cidade de Toronto entraram com uma ação judicial contra o alemão radicado no Canadá, Ernst Zündel (1939-), amigo de Robert Faurisson. Zündel era o proprietário do *Zundel* site, portal negacionista acusado de promover o ódio. O caso arrastou-se por anos. Em 2001, depois do portal ser proibido no Canadá, Zündel se mudou para os Estados Unidos, onde pôde reestabelecer o site. Dois anos depois, no entanto, em 2003, as autoridades norte-americanas o expulsaram do país por lhe faltar um visto válido. De volta ao Canadá, foi preso e extraditado para a Alemanha. Em seu país de origem, foi julgado e condenado a cinco anos de prisão, a pena máxima por violação da *Volksverhetzung*, lei alemã sobre incitação ao ódio recorrentemente aplicada em casos de negação do Holocausto.<sup>4</sup> Robert A. Kahn sublinha que a atuação de negacionistas como Zündel na internet relaciona-se com a facilidade que seus administradores encontram para contornar a censura do Estado. Além disso, aponta Kahn, também devemos considerar a questão da validade das leis. Se o caso demorou tanto para ser resolvido, foi porque a justiça canadense no “Caso Zündel” não tinha leis claras contra incitação de ódio na internet. O parágrafo 13 do Ato de Direitos Humanos Canadense – usado como base da acusação contra Zündel – cobria apenas casos de ódio transmitidos por telefone. (KAHN, 2004, pp.141-142).

Apesar dos esforços de agências governamentais e entidades judaicas na luta contra a manifestação do negacionismo na internet, sites que disseminam esse tipo de conteúdo continuaram proliferando nos anos seguintes. A facilidade de hospedagem em

4. O Globo, “Justiça alemã condena duramente o negacionista Ernst Zündel”, 15/02/2007. Disponível em: <http://g1.globo.com/Noticias/Mundo/0,,AA1458372-5602,00-JUSTICA+ALEMA+CONDENA+DURAMENTE+O+REVISIONISTA+ERNST+ZUNDEL.html>. Acesso: 14 mai. 2016.

servidores de países onde a legislação é mais permissiva tem facilitado sobremaneira esse fenômeno. É neste contexto que devemos compreender o nosso caso de estudo, a “Metapédia – a enciclopédia alternativa”, que reúne diversos verbetes de teor negacionista, mas que não se limita ao negacionismo, abordando uma ampla gama de temas sob o prisma de extrema-direita. Criada em 2006, na Suécia, mas disponível em várias línguas e em vários países, a *Metapédia* pretende ser, como o próprio nome informa, uma “enciclopédia alternativa”. Sua estrutura é construída com base na *Media Wiki*, um software aberto e gratuito, escrito em PHP, base da famosa *Wikipédia* (hoje, a maior enciclopédia do mundo).<sup>5</sup> Qualquer pessoa, empresa ou organização pode lançar mão do *Media Wiki* para construir sua própria enciclopédia colaborativa online. A montagem é intuitiva, não requer conhecimentos profundos de programação, há diversos tutoriais na internet e o conteúdo pode ser hospedado em qualquer lugar do mundo. A *Metapédia*, por sua vez, é registrada na cidade norte-americana de Dallas, Texas, mas possui conexões com diversos outros sites, especialmente de extrema-direita, caso do *Ciudad Libertad de Opinión*, de Buenos Aires, na Argentina (MAYNARD, 2011, pp.76-85).

Uma vez que é construída na plataforma *Media Wiki*, a arquitetura de navegação da *Metapédia* é muito parecida com a da *Wikipédia*. Ambas usam a mesma fonte, a mesma interface gráfica e seguem quase os mesmos procedimentos de publicação. Quem já editou ou produziu um artigo para *Wikipédia* saberá fazer o mesmo na *Metapédia*. As duas são tão parecidas que poderiam facilmente confundir um experiente usuário de internet. No momento em que este artigo é escrito, o portal encontra-se disponível em 17 línguas. A *Metapédia* em língua portuguesa – que será nosso foco daqui em diante – é a décima em número de verbetes. Segundo a contagem automática da *Media Wiki*, esse ranking é organizado da seguinte forma: 1) húngaro (147.684); 2) alemão (58.510); 3) inglês (13.225); 4) sueco (10.318); 5) espanhol (9.549); 6) estoniano (3.068); 7) croata (2.639); 8) romeno (2.402); 9) francês (1.891); 10) português (1.664); 11) grego (1.005); 12) eslovaco (935); 13) checo (671); 14) norueguês (603); 15) holandês (413); 17) dinamarquês (258).<sup>6</sup> Cada língua possui o seu próprio site. Porém, os artigos são diferentes em cada língua.

A semelhança visual entre a *Metapédia* e a *Wikipédia* é bastante relevante. Com mais de 35 milhões de artigos em centenas de línguas, a *Wikipédia*, lançada em 2001, se notabiliza por ser uma das principais ferramentas de pesquisa da internet. Milhões de pessoas a acessam todos os dias em busca de informação. Segundo o site de medição de acessos a páginas virtuais, *Alexa*, a *Wikipédia* é a sétima página mais acessada da internet.<sup>7</sup> Tal sucesso está relacionado diretamente a confiança que as pessoas depositam nesta enciclopédia, além da enorme facilidade que ela oferece e da familiaridade criada ao longo dos últimos 15 anos com a sua estrutura de navegação. Neste sentido, podemos considerar a possibilidade e até mesmo a intenção da *Metapédia* se valer, por tabela, do prestígio da *Wikipédia*.

Em um original estudo sobre os novos fascismos na Europa, Rasmus Fleischer situa a *Metapédia* dentro de um cenário de expansão do antissemitismo na web:

5. Metapédia: <http://www.metapedia.org>. Acesso: 12 mar. 2016

6. Metapédia: <http://www.metapedia.org>. Acesso: 12 mar. 2016.

7. Alexa: <http://www.alexa.com/siteinfo/wikipedia.org>. Acesso: 11 de mai. 2016.



In 2007, another network began to crystallize within Europe’s radical right but with a vastly different ideological character. Activists from the Swedish group Nordiska Förbundet made a coordinated effort to use the Internet to propagate a more ‘positive’ image of neo fascist, third position and national revolutionary politics. They created a blog portal (Motpol.nu), a web community (Nordisk.nu) and a wiki site (Metapedia). Today there exist a dozen editions of Metapedia. Making it a vital medium for dissemination of the ideology labeled here as “multi-fascism”. Metapedia tends to promote anti-Semitism in a cautious way, not stating too much in words but instead using the hyperlinked wiki format to make insinuations about a Jewish conspiracy. (FLEISCHER, 2013, p.63)

Na Era pré-internet, o negacionismo era um movimento limitado. Para ter acesso a sua produção era preciso estar em contato direto com os autores ou pessoas ligadas a eles. Em termos de distribuição, as editoras cumpriam uma função importante. Eram, porém, em pequeno número e suas tiragens não ultrapassavam centenas de cópias, vendidas, por sua vez, em livrarias frequentadas, via de regra, por radicais de extrema-direita. Com a internet tudo muda. A disseminação do conteúdo é virtual. Agora, além dos tradicionais panfletos, manifestos, livros e artigos, difundem-se listas de e-mail, fóruns, blogs, redes sociais e aplicativos. Com a chamada “Internet 2.0”, termo que desde meados dos anos 2000 vem designando um modelo de web fundado na colaboração, os consumidores também podem criar e editar conteúdos online. (Cf. SPYER, 2007). A *Metapédia*, neste sentido, está íntima e literalmente conectada com as tendências da internet colaborativa. Luís Mauro Sá Martino nos ajuda a compreender a lógica e as potencialidades dessa “nova” internet:

a circulação de bens nas comunidades virtuais está pautada, segundo [Howard] Rheingold, na troca e no compartilhamento, oferecendo possibilidades de interação humana diferentes da econômica pautada na produção, no consumo e no lucro. Não por acaso, ele denomina isso de “economia da dádiva (*gifteconomy*). Essa reciprocidade, como denomina o autor, é quase um princípio ético na economia das comunidades virtuais. É esperado que os participantes contribuam com informações para deixar o conhecimento, uma mercadoria preciosa na sociedade contemporânea, à disposição do coletivo. Nesse sentido, a circulação de informações gratuitas nas comunidades virtuais oferece a possibilidade de se pensar em alternativas de distribuição de conhecimento sem necessariamente atrelá-lo a algum tipo de poder econômico. Há um imediato reflexo político. Na medida em que as comunidades virtuais organizam-se em torno de interesses comuns, é possível igualmente esperar algum tipo de mobilização em defesa desse núcleo compartilhado de temas. Não se trata, de saída, de considerar as comunidades virtuais como um espaço necessariamente apto à ação política, mas de levar em consideração o potencial de mobilização nas comunidades. (MARTINO, 2015, p.47)

O poder de colaboração é talvez o principal atrativo da *Metapédia*. Para participar do projeto – criando ou editando verbetes – o usuário deve apenas criar um perfil no sistema e ser aprovado pelos administradores. Os responsáveis pelo site também se reservam o direito de recrutar pessoas, preferencialmente “escritores confiáveis”.<sup>8</sup> Há três níveis de usuários na *Media Wiki*: *Normal user* (criam e editam artigos); *Administrator* (podem patrulhar e apagar modificações, além de bloquear usuários e

8. Metapédia, “Getting Started”: <http://www.metapedia.org/gettingstarted.php>. Acesso: 12 mar. 2016.

IPs) e *Bureaucrat* (podem mudar os níveis de permissão de outros usuários).<sup>9</sup>

Além da sua face colaborativa, por ser uma plataforma multilinguística, baseada na lógica de comunidade, a *Metapédia* é agregadora, familiar e convidativa. Diferindo-se de plataformas negacionistas convencionais, sobretudo fóruns e comunidades de redes sociais, a *Metapédia* é mais organizada e rejeita, num primeiro plano, associações diretas com símbolos neonazistas e antissemitas. Sua interface é limpa, estruturada e não apela para nenhum tipo de linguagem visualmente agressiva. Para todos os efeitos, ela se apresenta como uma enciclopédia no sentido iluminista: lugar de conhecimento. Todos esses elementos – somados a enorme semelhança com a *Wikipédia* – parecem calculados para lhe conferir autoridade.

Segundo o ranking *Alexa*, a *Metapédia* ocupa a posição 67.664 em número de acessos na internet.<sup>10</sup> É uma posição expressiva, especialmente se considerarmos que a internet possui atualmente pouco mais de um bilhão de websites.<sup>11</sup> A importância da *Metapédia* entre o público negacionista também é significativa. De acordo com o *Alexa*, a página do *Institute for Historical Review* (IHR) – principal organização negacionista norte-americana, fundada em 1978, uma das principais referências em negacionismo no mundo – ocupa a posição 282.912 no mesmo ranking.<sup>12</sup> E se considerarmos apenas os Estados Unidos, as páginas são bem equiparadas. Enquanto a *Metapédia* (de origem sueca) ocupa a posição 82.746 na internet norte-americana<sup>13</sup>, a página do IHR (americana) está na posição 83.659 desta lista<sup>14</sup>.

Alguns dados de acesso da maioria das páginas da *Metapédia* são públicos. Na versão em língua portuguesa, sabemos, por exemplo, que ela totaliza mais de dois milhões de visualizações. São as dez páginas mais vistas nesta versão: 1. Página Principal; 2. Segunda Guerra Mundial; 3. Cruz Celta; 4. Lambda; 5. Olavo de Carvalho; 6. Bolchevismo; 7. Crimes soviéticos na Segunda Guerra Mundial; 8. Monarquia; 9. Adolf Hitler e 10. Bruno Oliveira Santos.<sup>15</sup> A versão em inglês, que soma mais de 35 milhões de visualizações, tem as seguintes dez páginas mais vistas: 1. Main Page; 2. Britain Firsts; 3. British National Party; 4. American Freedom Party; 5. List of ranks, titles, and terms of the Ku Klux Klan; 6. Race and crime; 7. Cultural Marxism; 8. Elin Krantz; 9. Race and physical attractiveness; 10. Jews.<sup>16</sup> Um outro exemplo para comparação é a versão alemã, que ultrapassa 69 milhões de visualizações. Nela, vamos encontrar entre os seguintes verbetes mais lidos: 1. Hauptseite; 2. Adolf Hitler; 3. Liste der von Ausländern in Deutschland getöteten Deutschen; 4. Die Bilderberger; 5. Juden; 6. Hilfe: Übersicht; 7. Gaskammertemperatur; 8. Liste jüdischer Persönlichkeiten; 9. Hooton-Plan; 10. Deutschfeindlichkeit.<sup>17</sup>

Como se pode inferir, a *Metapédia* está associada a temas que fazem parte de uma certo imaginário político e cultural da extrema-direita. Essa constatação pode ser percebida não só através dos verbetes compilados no parágrafo anterior, mas também pelos “Portais” que cada versão da *Metapédia* possui. Um “portal” é uma subpágina,

9. Metapédia: “Security Policy”: <http://www.metapedia.org/securitypolicy.php>. Acesso: 12 mar. 2016.

10. Alexa, “Metapedia”: <http://www.alexa.com/siteinfo/metapedia.org>. Acesso: 12 mar. 2016.

11. Internet Live Stats: <http://www.internetlivestats.com/total-number-of-websites>. Acesso: 12 mar. 2016.

12. Alexa, “IHR”: <http://www.alexa.com/siteinfo/ihr.org>. Acesso: 12 mar. 2016.

13. Internet Live Stats: <http://www.internetlivestats.com/total-number-of-websites>. Acesso: 12 mar. 2016.

14. Alexa, “IHR”: <http://www.alexa.com/siteinfo/ihr.org>. Acesso: 12 mar. 2016.

15. Metapédia, “Estatísticas”: <http://pt.metapedia.org/wiki/Especial:Estatisticas>. Acesso: 12 mar. 2016.

16. Metapedia, “Statistics”: <http://en.metapedia.org/wiki/Special:Statistics>. Acesso: 12 mar. 2016.

17. Metapedia, “Statistik”: <http://de.metapedia.org/wiki/Spezial:Statistik>. Acesso: 12 mar. 2016.



uma maneira de organizar artigos e categorias que dizem respeito a uma determinada temática. Na *Metapédia* em língua portuguesa encontramos 17 portais. Em ordem alfabética são eles: Biologia Social, Conceitos Políticos, Fascismo Italiano, Intelectuais Ocidentais, Marxismo, Portal Comunitário, Nacionalismo Brasileiro, Nacionalismo Português, Nova Direita, Música Alternativa, Nacionalismo no Mundo, Revisionismo, Segunda Guerra Mundial, Terceiro Reich, Terceira Via, Tradição Indo-Europeia e Revolução Conservadora.<sup>18</sup>

### ***Metapédia*: análise de um discurso negacionista**

Para analisar o conteúdo negacionista da *Metapédia*, ou melhor, uma parte deste conteúdo, vamos nos amparar na tradição francesa da Análise de Discurso. De acordo com Michel Pêcheux, principal nome desta vertente metodológica interdisciplinar, “todo enunciado, toda sequência de enunciados é, pois, linguisticamente descritível como uma série (léxico-sintaticamente determinada) de pontos de deriva possíveis, oferecendo lugar a interpretação”. É neste espaço, conclui Pêcheux, “que pretende trabalhar a análise de discurso” (PÊCHEUX, 1998, P.53). A Análise do Discurso, podemos acrescentar, parte do princípio de que as palavras não são neutras, assim como também não é o seu sujeito enunciativo. As palavras, produto de um meio, são sempre marcadas por uma ideologia e atravessadas por sentidos. O discurso, a partir deste pressuposto, nada mais é do que a língua em movimento, a língua produzindo sentido. De acordo com Bethania Sampaio Correa Mariani,

não é possível conceber a linguagem como um sistema comunicativo que serviria apenas para designar ou informar o que “existe”, mas a existência das “coisas” é resultado da sua constituição no âmbito da própria relação linguagem/história; os sentidos só se produzem porque são históricos, e a história, por sua vez, só existe como tal porque faz sentido. Língua e história são processos inseparáveis. (MARIANI, 1996, p.31)

O negacionismo da extrema-direita, incluindo o da *Metapédia*, quer apagar justamente essa dinâmica que elabora a linguagem: faz *tábula rasa* da história e da língua. Esse negacionismo informa que o seu discurso nasce da neutralidade e que é sua função combater toda produção discursiva que não vem desse não-lugar. O que esse discurso não quer evidenciar de forma alguma – mas que deixa evidente a cada manifestação – é que ele é feito unicamente de um movimento ideológico envolvendo a língua e a história. Deste esforço é amalgamada uma pseudo-história que se reserva o direito de informar “o que existe”. Tal posicionamento pode ser observado na definição do que é a *Metapédia*, comum a todas as suas versões:

Uma enciclopédia eletrônica sobre cultura, arte, ciência, filosofia e política. A palavra ‘Metapédia’ é resultante de dois conceitos do grego clássico: ‘meta’ que significa ‘exterior’ ou ‘para além de’; e ‘enkykliospaideia’ que significa ‘enciclopédia’. O nome tem um duplo significado simbólico: a Metapédia centra a sua atenção em assuntos que não são geralmente abordados em – entenda-se, que ficam de fora - **enciclopédias oficiais** [Grifo meu]. A Metapédia tem

18. Metapedia, “Portais”: <http://pt.metapedia.org/wiki/Categoria:Portais>. Acesso: 12 mar. 2016.

uma finalidade metapolítica, com o intuito de influenciar o debate, a cultura e a perspectiva **histórica oficiais** [Grifo meu].<sup>19</sup>

A estratégia adotada pelo site não se diferencia, portanto, das principais iniciativas negacionistas tradicionais de extrema-direita. A *Metapédia* define como uma “alternativa” a uma “perspectiva histórica oficial”. Esse tipo de enunciado sugere não só que há um “discurso oficial” hegemônico na produção do conhecimento sobre o Holocausto como também que tal conhecimento corresponde a uma história manipulada e mentirosa. Daí a noção de “metapolítica” usada pela *Metapédia*, isto é, uma proposta de conhecimento que se pretende neutra, científica, para além do Estado. Um trecho do *Mission Statment* do projeto deixa bem claro a sua intenção de combater aquilo que considera uma história “distorcida”:

Being able to present one’s own definitions of concepts as well as interpretations of various phenomena and historical events is a vital part of every metapolitical and cultural struggle. This is more important than ever in these modern times, where many concepts have been distorted and lost their original meaning – which can be regarded as a result of our political opponents’ successful cultural struggle.<sup>20</sup>

A noção de uma história controlada e escrita por homens poderosos não é nova. Ela pode deve ser vista como parte de uma mitologia conspiratória mais ampla da extrema-direita que acredita na influência de grupos financeiros poderosos, onipresentes, ardilosos, quase sempre judaicos, responsáveis por ludibriar e alienar as massas de homens e mulheres em quase todos os aspectos da realidade social. Este é o mote principal, por exemplo, de um dos textos apócrifos mais conhecidos pela historiografia: *Os Protocolos dos Sábios de Sião* (GINZBURG, 1990). Caberia ao vulgo “revisionista”, desmontar a “história oficial”. Neste sentido, o poder da linguagem – que é adversário e instrumento de combate – é central para a *Metapédia*:

The possibility to influence the **language** [grifo meu] is vital if you want to shape people’s worldvie/w. The Frankfurt School and their ideological heirs are good examples in this regard, and have been very successful in stigmatizing previously natural and sound values and attitudes and making them seem pathological by inventing and popularizing concepts such as “xenophobia” and the like. This clearly illustrates the **power of language and words**[grifo meu], and it is therefore important that we start **re-conquering our languages** [grifo meu]. Another important purpose of Metapedia is to become a web resource for pro-European activists. Metapedia makes it easy for our cadres to expand their knowledge on various important subjects, and also functions as a searchable reference. Furthermore Metapedia gives us the opportunity to present a more balanced and fair image of the pro-European struggle for the general public as well as for academics, who until now have been dependent on strongly biased and hostile “researchers” like Searchlight, Anti-Defamation League, Southern Poverty Law Center, Simon Wiesenthal Center, and such.<sup>21</sup>

A referência à “Escola de Frankfurt” não é fortuita. Este movimento intelectual e

19. Metapedia: <http://pt.metapedia.org/wiki>. Acesso: 12 mar. 2016.

20. Metapedia, “Mission”: <http://www.metapedia.org/mission.php>. Acesso: 12 mar. 2016.

21. Metapedia, “Mission”: <http://www.metapedia.org/mission.php>. Acesso: 12 mar. 2016.

acadêmico altamente diverso, nascido na Alemanha e depois irradiado para os Estados Unidos, foi uma teoria crítica da comunicação, de orientação marxista, surgida do final dos anos 1940, a partir da experiência do fascismo e de sua relação com as massas. Alguns de seus principais teóricos eram judeus refugiados do nazismo. Conforme sublinham Ilana Polistchuk e Aluizio Ramos Trinta, para os pensadores da Escola de Frankfurt, “os meios de comunicação ajudaram a doutrinar e a manipular milhares de pessoas, promovendo uma falsa consciência dos fatos do real.” (POLISTCHUK; TRINTA, 2003, p.119). O que a *Metapédia* faz, no entanto, é inverter a lógica: os autores “frankfurtianos” é quem manipulam as massas e não o fascismo.

Segundo a Análise de Discurso, podemos entender esses enunciados da *Metapédia* como constitutivos de uma “formação imaginária”. Segundo Eni Orlandi, “o imaginário faz necessariamente parte do funcionamento da linguagem. Ele é eficaz. Ele não brota do nada: assenta-se no modo como as relações sociais se inscrevem na história e são regidas, em uma sociedade como a nossa, por relações de poder”. (ORLANDI, 2005 p.42) No caso da *Metapédia*, seu *Mission Statement* nada mais faz do que pleitear para si um lugar legítimo de produção de sentidos, um lugar que lhe permita competir e combater aquilo que considera uma história dos vencedores.

O que encontramos nestes textos editorialistas da *Metapédia* vão se repetir em vários de seus verbetes. É o caso do verbete “revisão histórico”. Segundo dados da *Media Wiki*, esse verbete foi acessado 2.666 vezes. Seu texto define “revisão histórico” como “o estudo e a reinterpretação da história”.<sup>22</sup> Neste sentido, a expressão “revisão histórico” é pura ideologia. O verbete quer se apresentar como história. Afinal de contas, como já vimos na primeira parte deste artigo, a historiografia não é outra coisa senão um permanente estado de reescrita do passado. Porém, à medida que se avança no texto, fica claro que o artigo refere-se não ao método histórico, mas à contestação do Holocausto:

O revisionismo histórico também **desmascara** [grifo meu] o “Holocausto”, expressão usada para atribuir aos campos de concentração do regime nacional-socialista a prática planejada do extermínio em massa de judeus e outras minorias. Atualmente já se logrou provar que as acusações de extermínio, alegadamente através de câmaras de gás, são **inverídicas** [grifo meu] comprovadamente por sua inviabilidade técnica na forma **propagada**[grifo meu], tendo as supostas provas sido **falseadas** [grifo meu] ou **produzidas**[grifo meu] artificialmente através de torturas. Empreender o revisionismo histórico reveste-se de grande dificuldade, devido à destruição e **falsificação** [grifo meu] de documentos que pudessem mostrar a História sob outro prisma e assim contraditar as difamações<sup>23</sup>.

No trecho acima, a *Metapédia* estabelece que o Holocausto é produto da “história oficial” e que a missão do “revisão histórico” é desmascará-lo. De acordo com o texto, as câmaras de gás, um dos símbolos da Solução Final da questão judaica, seriam, na verdade, “inverídicas”. Suas evidências são “falseadas” e “produzidas”. Podemos denominar que esse conjunto de enunciados produz o desenho de uma formação

22. Metapedia, “Revisão histórico”: [http://pt.metapedia.org/wiki/Revisionismo\\_histórico](http://pt.metapedia.org/wiki/Revisionismo_histórico). Acesso: 12 mar. 2016

23. Metapedia, “Revisão histórico”: [http://pt.metapedia.org/wiki/Revisionismo\\_histórico](http://pt.metapedia.org/wiki/Revisionismo_histórico). Acesso: 12 mar. 2016

discursiva da falsificação. Tomado de empréstimo de Michel Foucault, o conceito de “formação discursiva” foi ressignificado pela tradição francesa da Análise de Discurso. Segundo Orlandi, “a formação discursiva se define como aquilo que numa formação ideológica dada – ou seja, a partir de uma posição dada em uma conjuntura sócio-histórica dada – determina o que pode e deve ser dito (...). Desse modo, os sentidos sempre são determinados ideologicamente”. (ORLANDI, 2005, p.43)

Para tentar convencer o leitor de que o Holocausto não existe, a verbete “revisão histórico” da *Metapédia* faz um duplo-movimento já bastante conhecido em outros discursos negacionistas. Em primeiro lugar, sublinha que os “revisãoistas” não negam a perseguição judaica durante o Terceiro Reich, as deportações, os guetos, os campos de concentração, os fornos crematórios ou a morte de muitos judeus.<sup>24</sup> Ao fazer isso, procuram transmitir uma ideia de ponderação, ao mesmo tempo em que se afastam de narrativas radicais que a ampla documentação do Terceiro Reich tornaria risível. Reconhecendo o óbvio, a *verbete* passa, então, para uma segunda parte de sua retórica, enumera aquilo que “os revisãoistas do Holocausto” propagam: não existiu nenhuma ordem ou plano nazista determinando o extermínio físico dos judeus; não existiu nenhuma organização alemã para executar o “alegado plano de extermínio”; os campos não possuíam câmaras de gás homicidas ou quaisquer métodos sofisticado para o assassinato em massa; os crematórios tinham capacidade incompatível com um número tão grande de cadáveres, sendo utilizados tão somente para eliminar os corpos daqueles que morriam de fome ou de epidemias; não existe documentação que confirme a existência das câmaras de gás homicidas e os relatos das testemunhas não são confiáveis; as acusações de genocídio não foram levantadas até a derrota da Alemanha, quando já não havia governo alemão para contestá-las; estatísticas mostram que o número de seis milhões de judeus mortos é equivocada. Deste modo, a *Metapédia* fecha a sua linha de raciocínio: o nacional-socialismo não nega a perseguição aos judeus pelo Terceiro Reich e nem o seu sofrimento.<sup>25</sup> Porém, ele nega aquilo que faz do Holocausto o Holocausto: a existência e a execução de um plano sistemático, burocrático, intencional e industrial por parte do Terceiro Reich que levou ao extermínio dos judeus.

A formação discursiva da falsificação pode ser vista em vários outros verbetes da *Metapédia*. É o caso, por exemplo, do verbete “Holocausto”, assim definido:

Denominou-se Holocausto, também conhecido como Shoah, ao que foi a **maior propaganda de guerra**[grifo meu] contra Alemanha durante e após a Segunda Guerra Mundial, a qual **acusou** [grifo meu] o regime nacional-socialista de cometer um **suposto** genocídio intencional contra o povo judeu e outras minorias étnicas, religiosas e políticas. A história do suposto [grifo meu] Holocausto surgiu dos **embustes dos factos** [grifo meu] em torno dos campos de concentração alemães e da chamada Solução Final ao problema judeu. Na verdade, uma grande quantidade de judeus, embora em números difíceis de calcular, infelizmente acabou morrendo nos campos de concentração principalmente nos últimos meses de guerra, devido à doenças como a tifo e a impossibilidade de entregar mantimentos em decorrência da exaustão causada pela guerra e aos inúmeros bombardeamentos aliados na infraestrutura da Alemanha. (...) No pós-guerra, os sionistas, através de

24. Metapedia, “Revisão histórico”: [http://pt.metapedia.org/wiki/Revisão\\_histórico](http://pt.metapedia.org/wiki/Revisão_histórico). Acesso: 12 mar. 2016

25. Segundo o autor do verbete/artigo, porém, essa perseguição em nada se diferenciaria das demais perseguições sofridas por outros grupos.

uma **grande propaganda** [grifo meu] nos países onde dispunham de grande influência política (GOS), multiplicaram em muito o número dos judeus que pereceram, criando assim a **farsa** [grifo meu] dos Seis milhões gaseificados e a Singularidade do Holocausto. O **falsário** [grifo meu] Elie Wiesel foi quem popularizou o termo Holocausto, o qual converteu-se em um conceito que tem adquirido uma importante **conotação mítica e religiosa** [grifo meu] para o povo judeu, como símbolo culminante de seu sofrimento.<sup>26</sup>

O texto classifica o Holocausto mais uma vez como “farsa”, “maior propaganda de guerra”, “mito”, “embuste dos fatos”, “suposto”, dotado de “conotação mítica e religiosa”, uma história criada pelos “sionistas” no pós-guerra. Em outras palavras, mais do mesmo. Seria possível percorrer diversos outros verbetes da enciclopédia e encontrar o mesmo tipo de tediosa retórica. O que devemos salientar neste momento, no entanto, é a maneira como esses verbetes encontram-se relacionados. Esta é a novidade da *Metapédia*. Estamos aqui falando da organização desses enunciados e formação discursiva na forma de um enciclopédia online profundamente marcada pela lógica dos hiperlinks. Esses hiperlinks, que devem ser entendidos antes de qualquer coisa como hipertextos, conectam-se entre si, formando uma cadeia de sentidos que alimenta a si mesma. Segundo Orlandi, afinal de contas,

os sentidos resultam de relações: um discurso aponta para outros que o sustentam, assim como para dizeres futuros. Todo discurso é visto como um estado de um processo discursivo mais amplo, contínuo. Não há, desse modo, começo absoluto nem ponto final para o discurso. Um dizer tem relação com outros dizeres realizados, imaginados e possíveis. (ORLANDI, 2005, p.39)

É assim que somos levados, por exemplo, do verbete “Holocausto” para o verbete “Zyklon B”. Aqui, o conhecido pesticida produzido pelas indústrias químicas alemãs e utilizados nas câmaras de gás para executar judeus, aparece como um produto utilizado nos campos de concentração para “desinfetar piolhos e evitar tifo”. O problema, segundo a *Metapédia*, é que “segundo a **historiografia oficial (escrita pelos vencedores da Segunda Guerra Mundial)** [grifo meu], o Zyklon B foi usado pelo Terceiro Reich na **farsa do Holocausto**”. Segundo o artigo, no entanto, “os revisionistas modernos do Holocausto afirmam, com provas contundentes, que nunca se usou o Zyklon B em seres humanos nas mencionadas câmaras de gás”.<sup>27</sup>

Seguindo os caminhos entrelaçados dos hiperlinks, este verbete nos leva, por sua vez, ao verbete “Câmaras de gás”. E novamente, vamos encontrar menções a imagem de uma “historiografia oficial”, aparecendo a Alemanha como vítima:

No final da Segunda Guerra Mundial, foi criada **contra** [grifo meu] a Alemanha nacional-socialista uma **gigantesca propaganda de guerra** [grifo meu], ao qual os **vencedores da guerra** [grifo meu] acusaram aquele país de ter executado Seis milhões de judeus durante o **chamado Holocausto** [grifo meu]. Segundo esta **historiografia oficial** [grifo meu], as câmaras de gás estavam disfarçadas de duchas coletivas e utilizavam o pesticida Zyklon B. Porém diversos revisionistas afirmam, com provas contundentes, a impossibilidade

26. Metapédia, “Holocausto”: <http://pt.metapedia.org/wiki/holocausto>. Acesso: 12 mar. 2016

27. Metapédia, “Zyklon B”: <http://pt.metapedia.org/wiki/Zyklonb>. Acesso: 12 mar. 2016.



de usar o Zyklon B como método de gaseificação nas supostas câmaras de gás.<sup>28</sup>

A dinâmica desses hiperlinks é cíclica, interminável, visando a criação daquilo que poderíamos chamar de um consenso discursivo que se autolegitima pela repetição incessante. O motivo dessa repetição é convencer o leitor de que o Holocausto é uma farsa criada pela formação imaginária de uma “história oficial” e que o negacionismo é uma corrente historiográfica que visa revelar os principais elementos constitutivos deste embuste/conspiração. No portal “Revisionismo Histórico”, um dos maiores da *Metapédia* em língua portuguesa, é realizada, por exemplo, uma separação que só existe no universo negacionista: “revisonistas e céticos” de um lado e “exterminacionistas” de outro.<sup>29</sup> Uma vez aceita tal ideia, os negacionistas passariam a ocupar a mesma arena dos historiadores, podendo, a partir daí, lançar a falsa proposição de que há um legítimo debate sobre a existência ou não do Holocausto.

Os historiadores divergem e muito sobre vários aspectos do Holocausto: o momento em que o extermínio físico dos judeus foi decidido pelas altas esferas nazistas, o nível de conhecimento da população alemã sobre o extermínio, a sua suposta singularidade, o papel do antissemitismo alemão ou ainda o lugar do antissemitismo de Hitler, apenas para citar alguns elementos realmente caros à historiografia. Nos anos 1980, se tornou famosa a chamada “querela dos historiadores alemães”, propagada pela mídia e pelos círculos acadêmicos, focada na centralidade de Hitler para o Holocausto, debate este que vai se estender até meados dos anos 1990 com a publicação do controverso *Os carrascos voluntários de Hitler*, do historiador norte-americano Daniel Goldhagen (1996). Os historiadores, no entanto, diferente do que desejam sugerir os negacionistas, não discutem se o Holocausto existiu ou não. Isso nunca sequer esteve em pauta. A tentativa de dividir os historiadores entre “exterminacionistas” e “revisonistas” almeja criar um antagonismo, um terreno comum em que esses grupos reconheceriam a legitimidade um do outro. Trata-se de retórica.

Para Pierre Vidal-Naquet, o historiador não deve participar de debates com autores negacionistas. Isso seria o mesmo que reconhecer que existe esse alegado “outro lado” e que este “outro lado” pode ser encarado como um real interlocutor. Em seu pioneiro livro sobre o tema, lançado nos anos 1980, Vidal-Naquet afirma:

Um diálogo entre dois homens, mesmo adversários, supõe um terreno comum, um respeito comum, no caso, pela verdade. Com os “revisonistas”, esse campo não existe. Seria possível um astrofísico dialogar com um “pesquisador” que afirma ser a Lua feita de queijo Roquefort? Esses personagens não situam-se nesse nível. (...) Estabeleci uma regra para mim: podemos e devemos discutir *sobre* os “revisonistas”; podemos analisar seus textos como fazemos a anatomia de uma mentira: podemos e devemos analisar o seu lugar específico na configuração das ideologias, questionar-nos sobre o porquê e como apareceram, mas não discutir *com* os “revisonistas”. (VIDAL-NAQUET, 1987, pp.10-11.)

Para se passar por “corrente historiográfica” os negacionistas vem recorrendo a uma simulação, ou melhor, uma falsificação da linguagem e dos procedimentos

28. Metapédia, “Câmara de Gás”: [http://pt.metapedia.org/wiki/Câmara\\_de\\_gás](http://pt.metapedia.org/wiki/Câmara_de_gás). Acesso: 12 mar. 2016.

29. Metapédia: “Revisionismo”: <http://pt.metapedia.org/wiki/Portal:Revisionismo>. Acesso: 12 mar. 2016.

acadêmicos. Empregam notas de rodapé, apresentam seus trabalhos em conferências organizadas por eles próprios, publicam esses artigos em revistas (também criadas por eles próprios), fazem referências a autores, declaram estar baseados em escolas teóricas, lançam mão de listas bibliográficas e todo tipo de elementos reconhecíveis do texto acadêmico. Moraes chama tal estratégia de “ilusão historiográfica” (MORAES, 2011, p.15). O caso do já citado IHR mostra muito claramente como esta estratégia é utilizada. Fundado em 1979, em Torrance, Califórnia, pelo antissemita norte-americano Willi Carlos, o IHR tornou-se rapidamente o maior polo de negacionismo de extrema-direita dos Estados Unidos e talvez um dos maiores do mundo. Além do nome, que apenas parece remeter a organizações acadêmicas verdadeiras, o IHR tem realizado conferências, encontros e publicado um jornal no formato acadêmico, o *Journal of Historical Review*. Também tem publicado livros, artigos e mantém um site institucional carregado de textos e links.<sup>30</sup>

Essa simulação, no entanto, não passa de uma ação fraudulenta. Moraes sublinha que embora os critérios de validade do escrito historiográfico se assentem em uma evidente normatização da escrita, o negacionismo é fraude em duplo sentido:

Por um lado, trata-se de uma *historiografia falsificada*, ou seja, de um texto que falsifica de forma consciente suas referências de legitimidade, reivindicando o caráter de escrito historiográfico sem sê-lo, apresentando formas próprias ao texto historiográfico (linguagem, notas de rodapé, lista bibliográfica, etc.), mas ao mesmo tempo em que rompe com seus fundamentos e limites. Por outro, trata-se de um *passado falsificado*, que também de forma consciente é produzido, ancorado na recusa de todos os indícios e evidências que o contradigam, reivindicando o caráter de proposições verificáveis sem sê-lo. (MORAES, 2011, p.15)

### ***Metapédia: anonimato e outras características***

O anonimato é bastante recorrente em sites, blogs, comunidades, fóruns e redes sociais negacionistas. Em geral, os autores e leitores não exibem suas fotos no perfil, não revelam seus nomes verdadeiros e nenhuma outra informação de cunho pessoal. A *Metapédia* não foge à regra, sendo também permitido aos “utilizadores”, como são chamados os editores, escritores e administradores da *Metapédia*, o direito ao anonimato. São quase mil utilizadores, no total. A maioria não usa o nome verdadeiro ou usa apenas o primeiro nome. Destes, cinco somente são administradores, nenhum dos quais usa o nome verdadeiro.<sup>31</sup> Esse anonimato vale, inclusive, para o(s) criador(es) da página. Embora o site seja intuitivo e organizado, inexistente uma guia “quem somos” ou “sobre o *Metapédia*” que aponte as identidades de quem está à frente do projeto. Nas últimas linhas do texto publicado na página *Security Policy*, podemos ler apenas aquilo que aparenta ser uma pista: é mencionada uma entidade chamada *The Prometheus Foundation*, apontada como responsável pela hospedagem do projeto na web e as suas atualizações.<sup>32</sup>

30. Institute for Historical Review: <http://www.ihr.org>. Acesso: 12 de mar. 2016.

31. Metapédia, “Lista de utilizadores”: [http://pt.metapedia.org/wiki/Especial:Lista\\_de\\_utilizadores](http://pt.metapedia.org/wiki/Especial:Lista_de_utilizadores). Acesso: 12 de mar. 2016.

32. Metapedia, “Security Policy”: <http://www.metapedia.org/securitypolicy.php>. Acesso: 12 de mar. 2016.

Na internet, no entanto, nenhum indivíduo ou organização pode ter certeza de que seu anonimato estará assegurado. Isso vale principalmente para um projeto disponível em várias línguas e que oferece, gratuitamente, conteúdo negacionista. Em 2009, após várias denúncias públicas, a Chancelaria de Justiça da Suécia iniciou uma investigação sobre a alegada “enciclopédia nazista”. As denúncias tinham como alvo o verbete-artigo sobre Hitler. O resultado da investigação, não obstante, acabou sendo tão controverso quanto as próprias intenções do objeto investigado:

The reported article contains a biography of Adolf Hitler. In this article, one can read about Adolf Hitler’s view of the Jews. The article does not contain any dissociation from Adolf Hitler’s anti-Semitic views, but neither does it contain any sympathy for those views, even if it would appear that the author of the article has a positive attitude towards Adolf Hitler. A judgment of the contents of the article leads to the conclusion that it does not constitute criminal racial agitation, as this crime is defined in the Law. (ARNSTAD, 2015, p.195)

Se as denúncias não serviram para tirar a *Metapédia* do ar, pelo menos foram suficientes para revelar a identidade do seu fundador, o sueco Anders Lagerström. Henrik Arnstad conta um pouco de sua trajetória:

In 2004 the Swedish Nazi movement Nordiskaförbundet [Nordic Union] was formed by former members of several Nazi and fascist organizations. The movement had close ties with the publishing company Nordiskaförlaget [Nordic Publishing House], and was started in 2002 by ex-skinhead Anders Lagerström. Unemployed prior to this, Lagerström received training in business administration via the national public unemployment agency and was in fact given government funding to start his own business. The business in question was Nordiskaförlaget, which sold Nazi propaganda and white power music, and proved to be an economic success. Thus Lagerström replaced his skinhead clothing with a suit and tie and began presenting himself as a businessman. This proved to be the starting point for both Lagerström’s rather successful career and, a couple of years later, also Nordiskaförbundet. (ARNSTAD, 2015, p.195)

Arnstad sublinha que a *Metapédia* tem sido uma ferramenta para uma elite ultranacionalista internacional, sejam seus membros nazistas, neofascistas ou populistas de extrema-direita, o que dá a *Metapédia*, na sua opinião, uma importância que não pode ser vista somente com base nos números de acesso à página (ARNSTAD, 2015, p.198). Arnstad, assim, chama a atenção para algo que já vimos aqui: disponível em diversos idiomas, a *Metapédia* – a “equivalente fascista da Wikipédia”, como chama – é **internacional**. Na avaliação do autor, isso faz do site criado por Lagerström uma experiência exitosa e singular no campo do negacionismo na web:

The internationalization of the particular movement thus became a part of what Griffin has called “the new sector of international cultural production” which is “dedicated to keeping alive Nazism as an ideology, either through books glorifying the Nazi period (memoirs, biographies), or, more subtly, through academic journals, monographs, conference papers, and ‘scientific’ reports.” The idea of a fascist web encyclopedia fits right into this approach and can

thus be described as a stroke of genius by Lagerström and his associates. (ARNSTAD, 2015, p.196)

O sucesso de Lagerström à frente da *Metapédia* foi tanto que embora sua editora tenha fechado as portas em 2010, a enciclopédia continuou crescendo e se tornando cada vez mais popular entre os mais diferentes grupos de extrema-direita e negacionistas. Se **há muitos** sites negacionistas com mais acessos absolutos, esses acessos, porém, aponta Arnstad, geralmente vêm de um único país. Com a *Metapédia* se dá algo diferente: os acessos são provenientes de diversas partes do mundo, um reflexo de suas plataformas multilinguísticas. Entre os países que mais fornecessem acesso ao *Metapédia* estão: 1) Estados Unidos (20.6%); 2) Hungria (15.4%); 3) Espanha (9.2%); 4) Suécia (5.7%); 5) Reino Unido (4.3%) (ARNSTAD, 2015, p.199).

O fato da *Metapédia* **não ser uma enciclopédia dedicada exclusivamente ao negacionismo** – “uma enciclopédia eletrônica sobre cultura, arte, ciência, filosofia e política”<sup>33</sup> – pode ser aqui compreendido como um outro diferencial – além do formato de enciclopédia online, colaborativa e construída em *Media Wiki* – em relação aos sites tradicionais de difusão de conteúdos negacionistas. Esse diferencial é antes de tudo de fundo estratégico. E há três razões para pensar dessa forma. Em primeiro lugar, porque essa característica lhe permite atrair leitores que não buscam conteúdos negacionistas, que não conhecem esse tipo de conteúdo e que acessariam um site exclusivamente negacionista. Em segundo lugar, a mistura de verbetes negacionistas e não-negacionistas favorece o aumento da circulação de sentidos e discursos do portal, graças a uma ramificada rede de hiperlinks. A passagem de um tipo de verbete para outro pode ser feita de forma muito orgânica. Finalmente, em terceiro lugar, mas não menos importante, esse perfil permite a *Metapédia* escapar, pelo menos até certo ponto, da censura e a evitar a acusação de site negacionista, protegendo-se de ações na justiça.

## Considerações finais

Manuel Castells afirma que “as redes de comunicação são fonte decisiva de construção de poder”. (CASTELLS, 2012, p.25) Castells faz essa afirmação tendo em vista, principalmente, as possibilidades de lutas populares e democráticas, sobretudo dos novos movimentos sociais, contra as medidas autoritárias dos Estados. A tecnologia, por esse ponto de vista, é um instrumento de equilíbrio do poder, de empoderamento de grupos até então marginalizados ou colocados à margem do processo decisório. Porém, a tecnologia também pode estar a serviço de grupos de extrema-direita, igualmente aliados do poder, mas cuja intenção não é fortalecer a democracia ou dar voz às camadas populares. Esses grupos, pelo contrário, possuem uma agenda política comprometida com a reabilitação do fascismo e com soluções não-democráticas para os problemas que constituem nosso cenário político.

No presente artigo, vimos uma utilização possível da internet para a difusão do negacionismo. Se, por um lado, o teor dos verbetes negacionistas da *Metapédia* não inovam em nenhum aspecto conceitual ou conteudístico, esse discurso ganha uma

33. São alguns outros verbetes da *Metapédia*: marxismo cultural, golpe de 1964, Frente Nacional Europeia, Monarquia, Che Guevara, Crimeia, Edir Macedi, Doris Day, Estônia, França, Frente Integralista Brasileiras, França de Vichy, Frederico III, etc. São mais de 1600 verbetes, muitos dos quais sobre personalidades nazistas e fascistas e guerras. [http://pt.metapedia.org/wiki/P%C3%A1gina\\_principal](http://pt.metapedia.org/wiki/P%C3%A1gina_principal).

projeção diferente a partir do elemento tecnológico. Lagerström destaca a característica da internacionalização da *Metapédia*. Mas nós podemos ir além disso. Conforme vimos, a sua construção por meio da *Media Wiki*, combinado diferentes verbetes negacionistas e não-negacionistas, tem lhe permitido alcançar um público expressivo (que supera sites negacionistas tradicionais), o mimetismo de linguagens familiares e confiáveis (*Wikipédia*), o potencial envolvimento de leitores não familiarizados com o discurso negacionista, além de possibilitar uma maior simbiose entre enunciados negacionistas e outros, não negacionistas, mas que compõem o universo de extrema-direita. Além disso, não podemos nos esquecer da eventual diluição de riscos judiciais, uma vez que pode ser difícil considerar a *Metapédia* um site negacionista, pelo menos não no sentido que outros são frequentemente acusados e, por isso, vem, cada vez mais encontrando dificuldades para permanecer operando. Tais elementos potencializam as formações imaginárias e discursivas típicas do negacionismo de extrema-direita – encontradas na *Metapédia* – de duas formas: aumentando seu alcance e tornando seus enunciados mais palatáveis ao grande público.

## Referências

ARNSTAD, Henrik. Ikea Fascism: Metapedia and the Internationalization of Swedish Generic Fascism. *Fascism*, v. 4, n. 2, p. 194-208, 2015.

CASTAN, Siegfried Ellwanger. *Holocausto, judeu ou alemão?: nos bastidores da mentira do século*. SE Castan, 1987.

CASTELLS, Manuel. *Redes de indignación y esperanza: los movimientos sociales en la era de Internet*. Alianza Editorial, 2012.

CRUZ, Natália dos Reis. *Negando a História: A Editora Revisão e o Neonazismo*. Dissertação de Mestrado, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 1997.

DE CASTRO, Ricardo Figueiredo. O Negacionismo do Holocausto: pseudo-história e história pública. *Resgate-Revista Interdisciplinar de Cultura*, v. 22, n. 28, p. 5-12, 2015.

GOLDHAGEN, Daniel Jonah. *Os carrascos voluntários de Hitler*. Companhia das Letras: São Paulo, 1997.

GINZBURG, Carlos. *Mitos, emblemas, sinais – morfologia e história*. São Paulo: Companhia das Letras: 1990.

FLEISCHER, Rasmus. Two fascisms in contemporary Europe ? Understanding the contemporary split of the Radical Right. In: KOTT, Matthew. *In the Tracks of Breivik: Far Right Networks in Northern and Eastern Europe*, editado por Mats Deland, Michael Minkenberg and Christin Mays. 2014.

KAHN, Robert. *Holocaust denial and the law: A comparative study*. PalgraveMacmillan, 2004.

KRAUSE-VILMAR, Dietfrid. A negação dos assassinatos em massa do nacional-socialismo: desafios para a ciência e para a educação política. In: *Neonazismo, Negacionismo e revisionismo político*. Porto Alegre: Ed UFRGS, p. 97-114, 2000.

LIPSTADT, Deborah E. *Denying the Holocaust: The growing assault on truth and memory*. Simon and Schuster, 2012.



MARIANI, Bethania. *O PCB e a imprensa: os comunistas no imaginário dos jornais (1922-1989)*. Centro de Memória Unicamp, 1998.

MARTINO, Luís Mauro Sá. *Teoria das Mídias Digitais: linguagens, ambientes, redes*. Petrópolis: Vozes, 2014.

MAYNARD, Dilton. *Escritos sobre história e internet*. Rio de Janeiro: FAPITEC/Luminárias, 2011.

MILMAN, Luis. Negacionismo: gênese e desenvolvimento do genocídio conceitual. In: *Neonazismo, Negacionismo e Extremismo Político*. Rio Grande do Sul: Editora da UFRGS, 2000.

MORAES, Luís Edmundo de Souza. O negacionismo e o problema da legitimidade da escrita sobre o passado. *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História*, 2011.

ORLANDI, Eni. *Análise do discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes, 2005.

PÊCHEUX, Michel. O discurso: estrutura ou acontecimento. In: *O discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas: Pontes, 1998.

POLISTCHUK, Ilana; TRINTA, Aluizio R. *Teorias da comunicação: do pensamento e a prática da comunicação social*. Editora Campus: Rio de Janeiro, 2003.

SPYER, Juliano. *Conectado: o que a internet fez com você e o que você pode fazer com ela*. Rio de Janeiro: Zahar, 2007.

VIDAL-NAQUET, Pierre. *Os assassinos da memória*. Campinas, São Paulo, 1988.